



Memórias de um passado doloroso

ANTÔNIO ALBUQUERQUE



Passados 50 anos do Golpe de Estado no Brasil que culminou com a ditadura, entrevistados contam como a PUC, na época, foi um importante foco de resistência contra o Regime Militar. O Vice-Reitor Comunitário da Universidade, Augusto Sampaio, relembra como era o clima no campus, na aquele período, e conta histórias marcantes do momento vivido. **PÁGINA 9**

Vinis de volta ao mercado

Dados divulgados pela produtora Polysom mostram aumento de 63% nas vendas de vinis. Banca de jornais na Tijuca tem um acervo de 1.300 LPs



GABRIELA MATTOS

PÁGINA 11

D'Vinil Discos está na Tijuca desde julho do ano passado

Jeffrey Sachs participa de Aula Magna na PUC

Sustentabilidade foi assunto de palestra com economista

Conselheiro Especial do Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, nas Metas de Sustentabilidade, o economista norte-americano Jeffrey D. Sachs participou de aula magna na Universidade. Rea-

lizado no dia 18 de março, o encontro teve como tema principal questões ambientais e sustentáveis da humanidade. Sachs foi eleito duas vezes como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. O início

do ano letivo também foi marcado por missa celebrada pelo Grão-Chanceler da PUC e Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Orani João Tempesta, O.Cist., no dia 10 de março. **PÁGINA 3**

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aponta a Universidade como o lugar adequado para debater e dar soluções ao que tem deixado a sociedade perplexa, como o crescimento da violência e da intolerância. Ele diz que a instituição deve estar aberta para debater e construir saberes que promovam a tolerância entre pessoas, classes, raças e religiões. **PÁGINA 2**

Anchieta



No dia 2 de abril, o Papa Francisco canoniza, por decreto, o beato José de Anchieta, S.J.. Considerado o Apóstolo do Brasil, ele foi um dos principais personagens da colonização do país e um dos fundadores da cidade de São Paulo. No mesmo dia da canonização, o Grão-Chanceler da PUC e Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Orani João Tempesta, O.Cist., celebra uma missa de Ação de Graças, às 18h, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. Padre Anchieta nasceu no dia 19 de março de 1534, na Ilha Tenerife, na Espanha. Em 1551, aos 17 anos, entrou para a Companhia de Jesus e, em 1553, chegou ao Brasil, na Baía de Todos os Santos. Ele morreu no dia 9 de junho de 1597, no Espírito Santo.



PAULO RUBENS FONSECA

PÁGINA 12

A fotografia sob outro ângulo

Fotógrafo utiliza reflexos para obter imagens em diferentes países

REITOR

A cultura da paz e da tolerância na Universidade



Todos os dias, nos diferentes extratos sociais, e nas marcas territoriais tão diversas de nossas cidades, deparamos com o aumento da violência e da intolerância em nossa sociedade brasileira, assunto que nos preocupa não apenas pelos fatos isolados, mas pelo perigo de que a somatória dos mesmos possa minar a nossa cultura, que sempre procurou mediações de paz e tolerância com as diferenças que historicamente plasmaram o ethos de nossa brasilidade.

Embora reconhecendo as desigualdades sociais, e as distâncias ainda existentes entre os padrões econômicos e culturais, muitas vezes geradores de violência e de intolerância, a nossa cultura sempre foi mais voltada para a busca da paz e da tolerância e, contrariamente avessa às diversas formas de ações radicais e extremistas, a não ser em circunstâncias muito especiais de nosso país, sobretudo em tempos mais recentes, onde a democracia se via ameaçada pela impossibilidade do exercício pleno da liberdade. Nos últimos anos, com a diminuição gradativa das desigualdades sociais, embora tenhamos muito a melhorar, imagináva-

mos uma situação mais harmoniosa entre as diferentes classes sociais, onde a violência e a intolerância perderiam força, dando lugar à paz e a tolerância, princípios fundamentais de uma sociedade mais fraterna e democrática. Infelizmente, parece que o problema vai além do econômico, pois a violência e a intolerância aumentam no dia a dia, até mesmo em espaços voltados para o lazer, como nas disputas desportivas, entre outros. Diante desta realidade é que nos perguntamos: qual é a problemática de fundo, ou quais são os verdadeiros fatores condicionantes do crescimento da violência e da intolerância em nossa sociedade?

Creio que esta é uma das inquietações que está presente no meio universitário. Cabe então à Universidade a missão de refletir, discutir, debater e tentar dar respostas e soluções a tudo isso que tem deixado a sociedade perplexa. O meio acadêmico sempre foi um palco privilegiado para a colocação e busca de mediações de conflitos, com o objetivo de promover uma cultura de paz e de tolerância, muito além das opções ideológicas e partidárias. Não nos contentamos apenas com fatos

isolados, mas com um conjunto de fatores que são desafiadores para as gerações atuais, sobretudo aqueles que incomodam o nosso ethos cultural brasileiro, podendo gerar consequências para as futuras gerações.

Como instituição que tem a missão de contribuir com a formação da cultura, a Universidade deve estar aberta para debater e construir saberes que promovam a paz e a sadia tolerância entre pessoas, classes, raças e religiões, contribuindo com o Estado na implantação e execução de políticas públicas que ajudem na busca de soluções dos processos incompatíveis com a nossa Constituição, e os direitos fundamentais da liberdade humana. A PUC-Rio, que sempre se empenhou historicamente em ações e estudos voltados para uma cultura de paz e de tolerância, certamente continuará contribuindo para a solução destes problemas que inquietam e incomodam a nossa sociedade, procurando testemunhar e conviver, no dia a dia, de maneira respeitosa e fraterna, com as diferenças culturais, raciais, religiosas e geracionais.

■ **PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.**
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

O Papa Francisco desafia a PUC-Rio

O título deste artigo pode parecer estranho, mas é verdadeiro. A PUC-Rio é uma universidade pontifícia, ou seja, instituição estabelecida por e diretamente sob a autoridade da Santa Sé. Como o Papa Francisco vem chamando a atenção de toda a Igreja para a necessária coerência com os valores que a inspiram, sem dúvida ele também questiona e desafia a nossa PUC-Rio.

À luz do que o Papa Francisco vem reforçando em suas palavras e atitudes, a universidade pode se questionar se esses mesmos valores estão de fato presentes na formação dos futuros profissionais.

Para o Papa Francisco, há que ser pobre e trabalhar para os pobres, e “os pobres não podem esperar”. Na Exortação

Apostólica Evangelii Gaudium, faz uma crítica ao suposto crescimento econômico estimulado por um livre mercado, o que inevitavelmente produz maior desigualdade e exclusão social.

Segundo Francisco, “Assim como o mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social’. Esta economia mata”.

Uma posição tão contundente como essa deveria provocar, no mínimo, uma análise crítica da própria universidade – entenda-se cada departamento – sobre a linha a partir da qual os seus jovens vêm sendo formados e as maneiras pelas quais discussões como essas podem ser cada

vez mais incorporadas às aulas e às atividades de pesquisa e de produção de conhecimento.

Hoje, somente poderia se chamar de “pontifícia” uma universidade que se questione permanentemente sobre seu papel e seu resultado concreto ao formar profissionais a partir de uma determinada ética humanista e baseada na justiça, equidade e inclusão social.

A universidade pontifícia que não fizesse isso de forma sistemática, e simplesmente se limitasse a formar profissionais de sucesso para o mercado, não teria diferencial algum com relação a outras tantas instituições de ensino superior de nosso país.

■ **ANDREA RAMAL**
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Para Não Esquecer

Uma caravana de memórias

ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Sessão solene de homenagem aos perseguidos políticos na 61ª Caravana da Anistia, no auditório do RDC (2012)

“Em nome do Estado, pelos poderes legais e constitucionais que nos estão conferidos, pedimos desculpas por toda essa tristeza e por todo esse sofrimento”. A foto escolhida para ilustrar o artigo retrata o momento no qual Paulo Abrão Pires Júnior, presidente da Comissão de Anistia e doutor em Direito pela PUC-Rio, durante a sessão solene de apreciação dos pedidos de reparação realizada no Auditório do RDC, profere a simbólica frase na qual o Estado brasileiro concede o direito à reparação e pede desculpas públicas e oficiais pelos erros cometidos no passado para mais uma família vítima da repressão seguida ao golpe-civil militar.

A 61ª Caravana da Anistia, realizada no campus da PUC-Rio entre os dias 14 a 17 de agosto de 2012, fez parte da “Conferência Internacional Memória: América Latina em perspectiva internacional e comparada”. As Caravanas de Anistia pretendem ser um espaço de construção do direito à memória e à verdade por meio de sessões públicas itinerantes de avaliação dos pedidos de reparação moral

e econômica de perseguidos pelo regime militar.

Mas como reparar o irreparável? Como relembrar histórias de dor e sofrimento que não cabem em palavras? Como reviver o luto de uma grande perda? Os testemunhos de perseguidos políticos, familiares e seus procuradores compartilhados publicamente são poderosos instrumentos de luta e de ação no presente para esclarecer episódios controversos e relembrar o que não deve ser esquecido. As palavras assumem a função de suportes da memória afetiva e familiar diante da ausência e do desaparecimento de um ente querido.

A PUC-Rio consciente da importância para a abertura ao debate das tensões e contradições que marcam a sociedade brasileira, acolheu a Caravana da Anistia em seu campus por acreditar que a democracia é construída no diálogo e na defesa da livre expressão sobre os erros cometidos no passado para que eles não venham a se repetir no futuro. O direito à verdade e à justiça é condição fundamental na luta contra o esquecimento.

■ **EDUARDO GONÇALVES**
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. **Coordenadora-Adjunta:** Profª. Julia Cruz. **Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Jornalista Responsável e Editora:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora e Chefe de Reportagem:** Profª. Adriana Ferreira. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Profª. Mariana Eiras. **Fotografia:** Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração:** Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. **Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** redação: imprensa.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica do Lance.

Abertura: Conselheiro Especial do Secretário Geral da ONU foi palestrante nas atividades iniciais do Ano Acadêmico

Desafios da sustentabilidade

Jeffrey D. Sachs, em Aula Magna, explica as dificuldades do novo milênio

DAVI BARROS

O economista Jeffrey D. Sachs, conselheiro especial do Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, nas Metas de Sustentabilidade do Milênio, ministrou a Aula Magna de Abertura do Ano Acadêmico. A palestra, realizada no auditório do RDC, no dia 18, contou com a presença do Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., da deputada estadual Aspásia Camargo (PV), do representante do governo do estado Paulo Magalhães Pinto e do cônsul-geral dos EUA, John Creamer.

O Reitor ressaltou a importância de receber uma autoridade internacional no campus para debater temas atuais, como o desenvolvimento sustentável.

– Ele é um reconhecido conselheiro dos governos da América Latina, da África e também da Ásia. Então é um enorme prestígio poder recebê-lo – declarou.

Sachs, eleito duas vezes como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, em 2004 e 2005, debateu questões sobre sustentabilidade para o milênio. Ele crê que esse é, provavelmente, o maior dos desafios atuais. De acordo com o economista, os países estão entrando na era



O economista Jeffrey D. Sachs, esteve duas vezes na lista das 100 pessoas mais influentes do mundo

do desenvolvimento sustentável e, graças às modificações humanas no planeta, eles terão de adaptar a economia, mesmo que isso resulte em lucros menores no início.

– O impacto humano hoje é sem precedentes. O desenvolvimento sustentável é uma abordagem integrada ao desenvolvimento econômico, mas difícil de conseguir admi-

nistrá-lo dada sua complexidade – ressaltou.

Outro ponto citado pelo economista foi o fato de a humanidade ainda não ter conseguido alcançar as metas

estabelecidas pela ECO-92, conferência do meio ambiente realizada no Rio de Janeiro.

– Já passamos da RIO+20 e nenhuma das nossas expectativas foi atendida – declarou.

Sachs afirmou também que os empregos do passado estão desaparecendo com as novas tecnologias desenvolvidas.

– Agora, temos robôs cada vez melhores e que podem até fazer diagnósticos de pacientes a milhares de quilômetros – disse.

Jeffrey, que já teve três livros na lista de mais vendidos do New York Times, criticou a transitoriedade da política atual. Segundo ele, os governantes fazem aquilo que seria melhor para eles mesmos, através de propostas de curto prazo, com a intenção de receber votos, apesar de tais medidas não serem sempre as melhores opções. Para Sachs, os problemas enfrentados no dia a dia não seguem essa lógica pois exigem soluções permanentes.

– Creio que precisamos mais de um governo e uma política diferente da usual – sugeriu.

Ao fim da apresentação, o Reitor da Universidade homenageou o palestrante com a medalha Dom Helder Câmara, dada a quem realiza trabalhos em prol da sociedade, sendo aplaudido de pé.

Cerimônia: Ano Acadêmico começa com debate sobre primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco, 'Evangelii Gaudium'

Dom Orani Tempesta celebra missa de abertura

Grão-Chanceler retorna à Universidade pela primeira vez após receber a investidura do chapéu Cardinalício

DAVI BARROS

Na primeira visita à Universidade como Cardeal, o Grão-Chanceler da Universidade e Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, O.Cist., celebrou a Missa de Abertura do Ano Acadêmico no dia 10 de março, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Antes, ele participou de um debate sobre a primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, que contou com a presença do Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., do Decano do Centro de Tecnologia e Ciências Humanas (CTCH), professor Paulo Fernando Carneiro de Andrade, e do diretor

do Departamento de Teologia, padre Leonardo Agostini.

O Cardeal exaltou a nova atitude da Igreja, a “postura do ir”, que evidencia a preocupação do Santo Padre com o sofrimento das pessoas, em especial dos mais pobres.

– A Igreja tem que ir aos lugares para evangelizar. Periferias, outras culturas, a Igreja tem que estar lá. Devemos sair da nossa zona de conforto a fim de enfrentar as turbulências da vida – afirmou Dom Orani.

No encontro realizado antes da missa, foi homenageado o padre João Batista Libânio, professor do curso de Teologia que morreu no dia 30 de janeiro deste ano. O professor do Departamento de Teologia, padre Mário

de França Miranda, lembrou que padre Libânio sempre foi muito solícito com todos que o procuravam e se identificava muito com os jovens, por isso gostava de dar aula para o primeiro ano do curso de Teologia.

O Reitor analisou a *Evangelii Gaudium* e afirmou que a Universidade está aberta para refletir sobre os princípios abordados pelo Papa no documento.

– Nós vamos continuar a integração com as pessoas mais pobres; apoiar e aprofundar o diálogo inter-religioso, valorizar e não abrir mão da pluralidade da Universidade, e prosseguir com as reflexões e ações em prol do meio ambiente, pontos importantes da *Evangelii Gaudium*.



Missa com Cardeal Dom Orani marca início do Ano Acadêmico de 2014

Palestra: Diretor-Presidente da Cedae realiza aula inaugural do CTC

Troca de ideias sobre o mercado

Wagner Victer conta quais características são fundamentais a um bom engenheiro

ARTHUR MACEDO E DAVI BARROS

O diretor-presidente da Cedae, Wagner Victer, realizou a Aula Inaugural do Centro Técnico Científico (CTC). O encontro, ocorrido no dia 13 de março, no auditório do RDC, abordou os desafios e as oportunidades do mercado de trabalho para os jovens engenheiros diante de novos investimentos.

Segundo o próprio Victer, o encontro foi mais uma troca de ideias do que uma palestra. O convidado ressaltou as características necessárias para um engenheiro alcançar sucesso na carreira, principalmente o amor pela profissão.

– Se você não tem paixão por aquilo que faz, desista. Senão, você vai fazer de má vontade. E não dá para ser engenheiro sem paixão. O olhar do engenheiro em tudo é fundamental para essa paixão. É preciso ver de maneira diferente – contou.

O palestrante também destacou como as relações interpessoais são imprescindíveis. Segundo ele, a contribuição e a responsabilidade com o social, como envolvimento em trabalhos voluntários, são fatores que o mercado leva em consideração.

Os investimentos e o desenvolvimento econômico recentes no Rio de Janeiro foram pontos relacionados, por Victer, ao promissor mercado de Engenharia. Para o diretor, a questão de o Estado ter mão de obra qualificada reflete na chegada de indústrias.

– O Rio de Janeiro, não só por conta dos eventos que atraiu, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mas pelo conjunto de intervenções que modificam a questão da infraestrutura da cidade, tem mais oportunidades para o profissional de Engenharia. Cada vez mais, será uma profissão demandada. A nossa capacidade de formar engenheiros faz com que montadoras, por exemplo, venham para o Rio – explicou.

Victer também opinou acerca das engenharias, em geral, sobre qual seria a mais promissora para o mercado. Para ele, o



Wagner Victer, no auditório do RDC, discursa durante Aula Inaugural

“Se você não tem paixão pelo que faz, desista. Senão, fará de má vontade”

Wagner Victer

engenheiro não pode se limitar somente à área de formação, mas deve buscar conhecimento em outros campos.

– Diversas engenharias têm oportunidade hoje. Desde setores que começaram a sur-

gir, como Nanotecnologia, os já consolidados, como Civil e Mecânica, e os de formação bem recente, como Ambiental e Petróleo. Outra característica fundamental para o engenheiro é saber lidar com a imprensa; se comunicar. Aquele que não se comunica, já dizia o velho Chacrinha, se trumbica. E isso vale para a Engenharia – disse.

Sobre o risco de racionamento de água na cidade, o diretor-presidente da Cedae tratou de afastar qualquer possibilidade.

– O risco é zero. Nosso sistema é menos sujeito a intempéries do que o sistema de outros estados. Nosso sistema não trabalha com acumulação de água, mas com captação contínua. Portanto, existe racionamento em outros estados, mas não no Rio – completou.

OBITUÁRIO

Antonio Duro Ferreira
(1943–2014)



Formado pela Escola Nacional de Educação Física, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1965, o ex-coordenador de Educação Física da PUC-Rio Antonio Duro Ferreira foi um dos precursores ao afirmar a importância da administração profissional nos clubes de futebol. Ele morreu aos 71 anos, no dia 19 de fevereiro, vítima de câncer. O professor era casado há 47 anos e deixou dois filhos.

Ferreira elaborou e implantou o projeto de educação física na Universidade, em 1965. Três anos depois, criou a Coordenação de Educação Física da PUC-Rio, da qual foi coor-

denador por 20 anos. Na Alemanha, fez Pós-Graduação em Administração Esportiva, de 1971 a 1972. Na mesma época, organizou, na PUC-Rio, em parceria com o IAG, o Curso de Administração de Entidades Esportivas, então único no país.

Filho de Ferreira, o Coordenador de Educação Física e Esportes e Coordenador de Atividades Estudantis, o professor Renato Callado Ferreira, conta que, por causa do pai, desde a infância teve contato com esportes.

– Segui na mesma profissão porque sempre gostei de todos os tipos esportes e acompanhava o meu pai nos jogos da PUC e em outros clubes que ele trabalhou. Com isso, fui me apaixonando por esporte.

Na Universidade, Ferreira foi presidente da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e coordenou a Comissão Disciplinar da Universidade. O professor também foi assessor de quatro Vice-Reitores Comunitários, entre eles o atual Vice-Reitor, professor Augusto Sampaio.

LETÍCIA GASPARINI

Alexandre Gabriel Christo
(1980–2014)



dora estava marcada para fevereiro deste ano, mas antes disso ele foi internado.

A Coordenadora do Curso de Biologia e Diretora do Departamento de Biologia, professora Rejan Bruni, foi orientadora de Christo no mestrado pelo Programa de Iniciação Científica (Pibic). A relação fez com que ela criasse uma grande amizade com o professor, pois conviveu com ele desde 2001.

– Eu o chamava de multitarrefas. Christo deixa uma lacuna grande para quem conviveu com ele.

Rejan conta que o professor estudava a integração entre homem, natureza e sociedade, tema do projeto de iniciação científica que rendeu a ele o prêmio de melhor trabalho no Congresso Latino-Americano de Etnobotânica.

O professor fazia pesquisas também nas áreas de Etnobiologia e Fitossociologia, e desenvolvia um software de identificação de madeiras comerciais do Brasil, em parceria com o Laboratório de Produtos Florestais, do Ministério do Meio Ambiente.

LETÍCIA GASPARINI

DAVI BARROS E GABRIEL PINHEIRO

Academia: Professora Mônica Feijó Naccache assume a direção de departamento do CTC

A Professora Mônica Feijó Naccache tomou posse do cargo de diretora do Departamento de Engenharia Mecânica no dia 12 de março, na sala do Conselho Universitário. Entre os presentes estavam o Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., o Vice-Reitor da Universidade, Francisco Ivern Simó, S.J., e o ex-diretor do Departamento de Engenharia Mecânica Carlos Valois Maciel Braga.

Mônica fez a graduação, o mestrado e o doutorado, todos em Engenharia Mecânica, na PUC-Rio. Para ela, os anos de convívio com a Universidade vão trazer benefícios para o novo cargo.

– Gostar da PUC todo mundo gosta. Acho também que isso só vai aumentando ao longo do período em que ficamos aqui. Além de tudo, conhecemos também os problemas. Então acho que está tudo na nossa cabeça e isso facilita o trabalho – disse.

Durante a cerimônia, o Reitor agradeceu ao ex-diretor Carlos Valois por sua gestão. Ele ressaltou que a PUC adquiriu o terreno do antigo Colégio São Marcelo com a intenção de utilizá-lo para o desenvolvimento de pesquisas e construção de novos laboratórios, como os de Engenharia Mecânica.

Em relação ao Departamento, a professora afirmou que o objetivo dela é manter a qualidade do ensino tanto na graduação quanto na pós-graduação, mas que sempre há algo a melhorar. Ela disse que a priorida-

Mecânica ganha o toque feminino

Objetivo é manter o bom nível consagrado anteriormente

GABRIELA GARRIDO



Durante a posse, Mônica Feijó Naccache ressaltou a importância de renovar os laboratórios do Departamento

de é criar novos laboratórios e ampliar os antigos.

Mônica acrescentou que o nível da pós-graduação está ótimo, porém considera que existem formas de aprimorá-la. Para ela, é importante investir na internacionalização do setor uma vez que o Brasil passa por um momento de grande procura.

– Isso ainda é muito localizado. Nós vamos aos congressos e os alunos nos conhecem pelos contatos. Se conseguirmos fazer uma divulgação melhor do Departamento e ter algo mais pensado, mais direcionado, podemos aumentar esse número de alunos. Há muitos deles que são de qualidade e estão nos procurando.

A nova diretora acredita ser possível melhorar a produtividade dos alunos e professores. Para ela, é importante incentivar as publicações de uma forma que aumente o nível e a atualidade delas. Isso vai fazer com que os alunos participem mais dessas atividades.

GABRIELA GARRIDO



Sociólogo enfatizou a importância da pesquisa para uma boa formação

Palestra: Ex-presidente relembra também trajetória universitária na USP

Reflexões sobre a realidade

Para FHC, as atuais manifestações mostram que há mal-estar

ERICKA KELLNER

O sociólogo e ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso ministrou a Aula Magna do Departamento de Ciências Sociais no dia 24 de março, no auditório do RDC. No encontro, Fernando Henrique destacou que é preciso incentivar constantemente uma reflexão sobre a realidade – o que, para ele, só é possível se houver leitura, cultura e informação.

O cientista político ainda comparou as atuais mobilizações sociais a um “curto-circuito”. Para ele, embora não exista uma razão específica para os atos, isso aponta que há um mal-estar na sociedade.

– As questões estão em aberto e estamos meio perdi-

dos. Historicamente, para onde é que nós vamos? Em que direção vai tudo isso? Não se sabe como essas formas de sociabilidade vão influenciar sobre as instituições – declarou.

Durante a palestra, Fernando Henrique relembrou a trajetória como sociólogo e comentou sobre o aprendizado que adquiriu no meio acadêmico. Ele contou que quando começou a cursar Ciências Sociais, em 1949, na Universidade de São Paulo (USP), se decepcionou com a faculdade porque as aulas eram muito técnicas.

– Na época, eu queria mudar o Brasil. O que eu queria era socialismo, não sociologia – afirmou.

Segundo o ex-presidente, inicialmente o forte do curso era a

metodologia, mas, com o tempo, as aulas mostraram a importância de estudar a natureza do problema. Isto fez com que ele mudasse a forma de pensar. Assim, passou a realizar pesquisas – como um trabalho sobre a escravidão no Sul do país – para entender as transformações sociais.

– Isso foi produto da minha formação na USP, que foi variada, rigorosa e me induzia a pesquisar. Não basta ler um livro sem saber o que acontece à sua volta – disse.

Também participaram da Aula Magna o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., o decano do Centro de Ciências Sociais, professor Luiz Roberto Azevedo Cunha, e a diretora do Departamento de Ciências Sociais, professora Sarah da Silva Telles.

Ciência: Professor é nomeado editor-chefe de publicação científica

Posição de destaque na mídia especializada

Primeiro latino-americano na função, Maurício Torem afirma que o cargo valoriza o nome da Universidade

GABRIELA DORIA

GABRIELA MATTOS

O professor Maurício Torem, do Departamento de Engenharia de Materiais do Centro Técnico Científico (CTC), começou o ano com um novo cargo no currículo. Torem foi nomeado editor-chefe do International Journal of Mineral Processing e é o primeiro latino-americano nesta função.

De acordo com o professor, tornar-se editor-chefe da publicação foi consequência de anos de experiência em trabalhos e participação em congressos na área de engenharia. Torem explica que a função traz novas responsabilidades, como a seleção dos artigos e a distribuição dos textos aos revisores. O professor afirma também que o novo cargo valoriza o nome da Universidade.

– Quando aceitei o convite, como pessoa física, me perguntaram se minha instituição permitia que eu participasse. A PUC fica em evidência. É um



Entre as novas funções, Torem será responsável pela seleção de artigos

dos parâmetros que a faculdade é avaliada – analisa.

Segundo o professor, o processo de seleção para o novo editor-chefe durou sete meses. A escolha final foi feita em outubro do ano passado.

Com artigos científicos de profissionais de áreas como engenharia de metal e metalurgia extrativa, a revista é mensal e

publicada pela editora Elsevier. A publicação pode ser acessada via internet, com conteúdo exclusivo para assinantes.

Além de Torem, a PUC tem outro representante na revista. Há cerca de três anos, o diretor do Departamento de Engenharia de Materiais, Eduardo de Albuquerque Brocchi, é revisor de texto da publicação.

PELO CAMPUS

Mecânica na engenharia civil

GABRIELA DORIA



Patrick Selvadurai, professor do Canadá, falou de Newton e Galilei

O professor Patrick Selvadurai, da McGill University, Canadá, ministrou a Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Engenharia Civil em 14 março, no auditório do RDC. Pesquisador visitante especial pelo programa Ciência sem Fronteiras, Selvadurai

abordou o papel da Mecânica na Engenharia Civil. Ele apresentou nomes importantes na história da engenharia, como Isaac Newton e Galileu Galilei, e analisou os benefícios da mecânica para a disciplina. Mais de 50 pessoas compareceram ao encontro.

ERICKA KELLNER

Cinema, criação e pensamento

JORGE PAULO



Professora Angeluccia Habert conduz a aula de abertura do curso

A abertura do curso de Cinema, Criação e Pensamento de 2014 foi ministrada pela professora do Departamento de Comunicação Social e Coordenadora do Núcleo de Comunicação Comunitária, Angeluccia Bernardes Habert. O encontro

foi realizado no dia 11 de março, no Centro Loyola de Fé e Cultura. A aula contou com a presença dos professores do curso Miguel Pereira, Ney Costa Santos, Flávio Kactuz, Sérgio Bonato, Daniel Paes e Bruna Brasil.

LETÍCIA GASPARINI

Tecnologia acelera logística

A tecnologia 4K chegou às telonas brasileiras com o filme *O tempo e o vento*, de Jayme Monjardim. Pela primeira vez, foi usada a câmera Sony F56, que tem alta resolução e maior profundidade de cor e dimensão quatro vezes maior que a FullHD. E foi baseada na análise da fotografia do longa de Monjardim que a Sessão ABC foi realizada no dia 13 de março, com a presença do diretor de fotografia, Affonso Beato.

A qualidade da imagem da tecnologia 4K se aproxima da transmitida com a película. O diretor explicou que, se o longa não tivesse sido filmado com a F56, ia levar um dia para a película chegar a São Paulo, e mais um dia para ser processada e teleclínada.

– A opção pelo digital, para mim, ainda é válido pela logística – analisou Affonso Beato.

GABRIELA MATTOS

Veja matéria completa no site do Jornal da PUC:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Infraestrutura: Encontro internacional sugere o uso de tecnologias para planejar a vida em aglomerados urbanos

Cidades inteligentes, moradores saudáveis

MARIANA SALES E NORMAN PRANGE

Alunos apresentam propostas para melhorar a Gávea

FOTOS JORGE PAULO

O Instituto Gênesis promoveu um workshop sobre Cidades Inteligentes com estudantes brasileiros e internacionais. No encerramento do curso, no dia 21 de março, os alunos apresentaram cinco propostas para melhorar a mobilidade, a inclusão social, o meio ambiente, a segurança pública e a governança na Gávea. O encontro contou com a participação dos estudantes de mestrado e doutorado e dos professores da Aalto University, da Finlândia, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos Estados Unidos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da PUC-Rio.

Para o diretor do Instituto Gênesis, professor José Alberto Aranha, é importante despertar o interesse dos alunos e professores da PUC sobre Cidades Inteligentes. De acordo com ele, a Universidade tem um papel importante na transformação do bairro. Ele explica que a tecnologia e o conhecimento podem ser usados para beneficiar a vida dos moradores.

– A PUC, como universidade do bairro, passa a ser um local de referência para a prefeitura, os estados e outros países – pensa.

Segundo a estudante de doutorado em Design Isabela Ferreira, que estuda intervenções e microplanejamento urbanos, a PUC pode oferecer inovação por meio de pesquisas. A aluna aponta que a Universidade deve propor ideias de mobilidade, como a implantação de trem elétrico na Rua Marquês de São Vicente, que ajudaria no trânsito e na diminuição do fluxo de carros.

Isabela participou do grupo sobre inclusão social. Uma das ideias do grupo foi a transformação do Parque da Cidade em um horto urbano. Assim, moradores da comunidade poderiam cultivar, transportar e vender os produtos para terem uma renda. Além disso, eles poderiam consumir os produtos do horto. Para a estudante, a ideia do horto urbano é evi-



tar o gasto de tempo, dinheiro e combustível não renovável no transporte.

– Você gasta menos petróleo e menos energia não renovável, e produz frutas e vegetais orgânicos. Também evita o uso de agrotóxicos, que é uma melhoria grande para a qualidade de vida.

Na foto maior, se vê a Gávea, que reúne tanto espaços naturais quanto áreas residenciais

Engarrafamento: constante problema enfrentado por quem passa pela Gávea

► Algumas soluções propostas:

- Transporte para ligar o Baixo Gávea à Rocinha.
- Aplicativos para divulgação de eventos, horário atualizado do ônibus.
- Ponto de ônibus com tela de touch screen para que os moradores saibam onde estão ocorrendo atividades no bairro.
- Oportunidades econômicas para moradores da Rocinha.
- Tour ecológico.
- Instalação de câmeras de vigilância para aumentar a sensação de segurança no bairro, sobretudo à noite.
- Casa de bambu para eventos culturais, restaurantes, atividades esportivas e educacionais, cinema.
- Centro de conhecimento com espaços para ONGs e empresas.
- Revitalização do canal na Avenida Visconde de Albuquerque: criação de pontes, pontos de bicicleta e trilhas. Instalação de filtros naturais e implantação de árvores.
- Estação de espaço público com ponto de socorro, restaurantes e acessos aos ônibus e ao metrô.
- Quadras de esportes para que os moradores de comunidades também possam participar.
- Projeto de pintura na estação de metrô da Gávea para reunir grupos sociais do bairro. As pessoas podem votar online no melhor desenho, que será exposto no mural.

Foto: Gabriela Doria | Concepção: Isabelle Diniz, Raissa Guerra, Samantia Aydt, AEP | PUC-Rio

{ SOU IMPORTANTE
já tenho crachá }

vida de estagiário



Venha estagiar no Comunicar. Aqui, você aprende na prática e ganha experiência profissional em Jornalismo, Televisão, Fotografia, Editora, Publicidade, Rádio e Comunicação Comunitária.

{ aqui se faz,
aqui se aprende }

PROJETO
COMUNICAR | PUC
RIO

ARTHUR MACEDO E DAVI BARROS

Ditadura: Universidade acolheu professores oriundos de outras instituições que foram cassados

31 de março de 1964. Um grupo pequeno de pais de alunos foi até o campus da PUC, durante a noite, armado com espingardas e revólveres a fim de defender a Universidade de uma possível invasão comunista. Na época aluno do curso de Economia, o Vice-Reitor Comunitário, professor Augusto Sampaio, presenciou o acontecimento, e foi testemunha de outros tantos que ocorreram durante a ditadura militar brasileira.

Augusto Sampaio relembra os papéis desempenhados pela PUC para ajudar pessoas prejudicadas pelo golpe. Para ele, o mais importante feito da Universidade foi o acolhimento dos professores expulsos de cargos nas faculdades públicas.

– Eu acho que o papel mais bonito da PUC foi primeiro abrir as portas para os professores cassados das outras universidades. Isso foi um gesto bonito. As pessoas cassadas se viam, de repente, impossibilitadas de exercer sua profissão e a PUC abriu as portas para esses docentes. Ela já ficou mal vista aí pelas autoridades – lembra.

Para Sílvio Tendler, professor do Departamento de Comunicação e cineasta, a PUC sempre foi considerada um “oásis” dentro da ditadura, ainda mais depois da acolhida aos professores cassados. Tendler, que estudou Direito e Comunicação na Universidade nos anos de 1969 e 1970, conta como era o clima da sociedade e da PUC naquela época.

– Eu vivi grandes porres e grandes noites. Apesar da ditadura, a gente se divertia. Mas vivi momentos de terror, em que andávamos na rua e um carro da polícia começava a andar devagar do seu lado, e morríamos de medo. Você tinha medo de carregar certos livros na rua que falassem de marxismo, por exemplo. Em 1977, 1978, ainda era ditadura, mas era um clima menos barra pesada. Já havia muitas manifestações estudantis e o clima era menos tenso. A PUC sempre foi um ponto de encontro da democracia – afirma.

Augusto Sampaio comenta sobre padre Belisário Velloso, Reitor da Universidade entre os anos de 1972 e 1976, pessoa fundamental na resistência da PUC frente ao regime militar.

– A Reitoria da Universidade sabia que não podia soltar ninguém. Naquela época, quando alguém era preso, sendo aluno ou professor, o Reitor ia ao DOI-Codi para dizer o seguinte: ‘Olha, nós sabemos que fulano está preso’. Não era para soltar, porque eles não soltavam nin-

Doces memórias, tristes lembranças

Pessoas recordam momentos vividos nos anos de chumbo

FOTOS ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Palestra de Luís Carlos Prestes na sala 506-K. Na plateia, os professores Sílvio Tendler e Graça Salgado

guém, mas era para mandar uma mensagem. Queria dizer ‘você é responsável por essa vida’. Foi uma das ações da Universidade mais contundentes, tentando minimizar as consequências – diz.

“
Vivemos nossa juventude sem liberdade para pensar
”

Cacá Diegues

O professor crê que os momentos mais emocionantes daquela época eram os shows realizados por grandes personalidades da música, como Chico Buarque e Caetano Veloso. Os encontros lotavam o ginásio da Universidade, que ficava onde hoje está a Igreja Sagrado Coração de Jesus.

– Tínhamos momentos de



Apuração dos votos para as eleições da UNE. Ginásio da PUC-Rio. 1979.

uma tensão alegre. Havia shows aqui na PUC que a gente participava. O Chico Buarque veio cantar uma vez aqui, mas não podia cantar músicas censuradas. Ele chegou, o ginásio estava lotado, e a primeira coisa que ele viu foi todo mundo com um cálice na mão. E a música *Cálice* era proibida – recorda.

A morte de Raul Amaro, ex-aluno de Engenharia da PUC, foi outro momento marcante lembrado por Augusto Sampaio. O carro de Amaro foi parado, no bairro do Leme, por policiais que o prenderam após perceberem que a carteira de identidade do estudante estava ilegível. Raul morreu 11

dias depois, vítima de tortura, no quartel da Polícia do Exército, na Tijuca.

Tendler afirma que, mesmo no fim do regime, havia medos. O professor cita o episódio no qual ele e Graça Salgado, professora do Departamento de História, enfrentaram o desafio de convidar o ex-senador Luís Carlos Prestes para dar uma aula na sala 506-K.

– A gente passou um filme de cinco minutos, era um pretexto para o convite. Nós enchemos a sala de alunos, foi lindo. Foi incrível a gente trazer o Prestes para cá em plena ditadura – pensa.

O jornalista e ex-professor do Departamento de Comunicação Álvaro Caldas, preso e torturado na época, conta como foi a experiência de dar aula na PUC após o regime.

– Foi muito boa e favorável. Dei aula na Universidade por muito tempo e sempre fiz questão de contar minha história aos meus alunos. Eles abriam os olhos, curiosos. Ficavam interessados – lembra.

O cineasta e ex-estudante de Direito na PUC Cacá Diegues ressaltava que, apesar de ser doloroso recordar os acontecimentos do período, é importante recontar os fatos para que não voltem a se repetir.

– A principal importância é a de lembrar às novas gerações que nunca mais podemos deixar que isso aconteça de novo no Brasil. A ditadura militar não foi só uma negra noite política e cultural, mas também existencial. Vivemos nossa juventude sem liberdade para pensar e agir, foram os anos mais tristes de minha vida – pontua.

Augusto Sampaio afirma ter assistido a uma mudança. Segundo ele, ninguém poderia imaginar que algo pensado para gerar a ordem acabasse por propagar o caos.

– As pessoas não imaginam o que é você ter medo de falar. Hoje, as pessoas não têm noção de como é bom ter liberdade, falar, protestar, poder expressar o que pensa e discordar – conclui.

Música: Criada em 1977 e após oito anos de atividades somente na internet, Rádio Cidade se renova e retorna ao dial

A rádio do rock está de volta

Campanha nas redes sociais foi responsável pela novidade na 102,9 FM

FOTOS JORGE PAULO



ANA COSTA, DIEGO ROMAN
E ERICKA KELLNER

No dia 10 de março, a ansiedade fez com que os fãs de rock acordassem de bom-humor numa segunda-feira. O motivo? Depois de oito anos fora do ar, a Rádio Cidade voltou ao dial carioca, na frequência 102,9, e despertou a alegria de vários ouvintes adoradores do gênero musical. O sucesso é comprovado em números: uma semana após a estreia, a página oficial no Facebook teve mais de 120 mil curtidas.

Até os que não conheciam a rádio foram tomados pela expectativa. Foi o caso do aluno de Engenharia de Computação da PUC-Rio Nicolas Paes Leme.

– Conheci a Rádio Cidade agora, e, embora eu não ouça rádio, não pude deixar de escutá-la. A repercussão nas redes sociais foi muito grande – comenta o estudante.

Criada em 1977 pelo Sistema Jornal do Brasil, a Rádio

dade – como é chamada pelos ouvintes. Pedido atendido, foi lançado o desafio. Segundo o locutor Paulinho Coruja, do programa *Hora dos Perdidos*, a equipe teve três semanas para pôr a casa em ordem.

– Como ficamos somente na web por oito anos, tivemos que nos adaptar na marra à rádio novamente. Essa migração de uma plataforma para outra foi um grande desafio – diz.

O jornalista Alex Escobar, que foi o primeiro apresentador do programa *Rock Bola*, da emissora, considera a Cidade um capítulo especial em sua carreira.

– Tenho um enorme carinho pela Rádio Cidade. Ela mudou a minha vida, afinal de contas, foi o *Rock Bola* que me projetou. Minha expectativa é que ela continue divulgando o rock pela nossa cidade, que tem pouco espaço para esse estilo musical – afirma.

Assim como Escobar, a professora do Departamento de Química Tatiana D. Saint’Pierre também concorda que a Rádio Cidade é uma alternativa para quem curte rock no Rio de Janeiro.

– Gosto da rádio porque toca rock, e aqui o estilo quase não é tocado. Eu já estava escutando a 102,9 ansiosa pelo retorno. Agora, está sintonizado no meu carro e na minha casa – conta.

De acordo com a locutora Pamella Renha, lançar bandas novas é um dos objetivos da rádio. O maior desafio é encontrar um produto bom e, ao mesmo tempo, radiofônico. Ela conta ainda que a rádio volta renovada, mais antenada com os novos estilos musicais. E que a interação com o público foi e continua a ser a maior marca da Rádio Cidade.

– A interatividade é o nosso diferencial. Tratamos o ouvinte como um amigo. Esta é, e continuará sendo, a nossa principal característica – destacou.

“
Tratamos o
ouvinte como
um amigo.
Este é o
nosso grande
diferencial.”

Pamella Renha

Cidade teve grande importância ao divulgar o rock à geração da época. Por conta de problemas financeiros, teve que interromper o trabalho em 2006 e limitar as atividades à web. Em outubro do ano passado, uma forte mobilização pelas redes sociais pediu o retorno da Ci-

Integrantes do programa 'Hora dos Perdidos' comemoram o sucesso surpreendente entre os ouvintes

O locutor Zeca Lima, mais conhecido como Zeca na Parada, apresentando o programa



ENERGIZE
SEU
CURRÍCULO

Tenha uma importante
experiência profissional e
ainda ganhe créditos em
atividades complementares.

programa respuc
voluntári

Mais informações: www.puc-rio.br/respuc

PUC
RIO

VICE REITORIA
COMUNITÁRIA

respuc
Rede de Empreendimentos
Sociais da PUC-Rio

Música: Criada em 2013, banca D'Vinil Discos, na Tijuca, reúne um acervo de 1.300 discos do jornalista Fabio Antonio

GABRIELA MATTOS



Com maior duração ou long playing (LP), os vinis se tornaram mais populares na década de 1950. Além de maior espaço musical, os discos também têm a característica de serem mais flexíveis

Famosas bolachas voltam às lojas e fazem sucesso

Vendas de LPs aumentam 63% em relação a 2012, segundo a Polysom

GABRIELA MATTOS

Uma banca de jornal com 1.300 vinis e cinco exemplares de jornais por dia. Quem passa na esquina da Rua Mariz e Barros com a Campos Sales, na Tijuca, é surpreendido com o ambiente da D'Vinil Discos. Há oito meses no bairro, a banca é um reflexo do investimento do jornalista Fabio Antonio nas famosas "bolachas", desde 2003. De acordo com registros da única fábrica de LPs da América Latina, a Polysom, a volta do interesse em vinis é um dado concreto no mercado musical. Segundo a empresa, no ano passado, houve um aumento de 63% nas vendas em relação a 2012.

Para o dono da D'Vinil Discos, Fabio Antonio, o LP tem um som melhor que o CD e o MP3, por não ser equalizado.

– Os jovens ficam encantados com o som do vinil, não sabem o que é grave e agudo. Quando os clientes me pedem para passar o som do vinil para o CD, eu pre-

servo a qualidade original, até os chiados – explica.

Famosos na década de 1950, os vinis surgiram para substituir os discos de goma-laca de 78 rotações e com uma dimensão de 25 centímetros. Mais resistente e flexível, o primeiro vinil foi criado pela produtora Columbia, em 1948. Além das novas características físicas, estes discos foram diferenciados pela longa duração ou *long playing* (LP): com 33 rotações e 30 centímetros. Antes com nove minutos, cada lado do vinil passou a comportar 20 minutos de duração musical.

“

As capas viraram um artigo de marketing

Arthur Dapieve

”

Segundo o professor Paulo Cesar Araújo, do Departamento de Comunicação Social, além do início da Bossa Nova, os LPs marcaram o começo da moderna música brasileira. Com 12 faixas musicais – seis de cada lado –, o disco *Chega de Saudade* (Odeon), de João Gilberto, foi lançado em 1959.

– Ainda vivemos regidos por este álbum – acrescenta o professor.

O mercado de vinis também foi marcado pelas capas artísticas dos LPs, como a do *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band* (Parlophone/Capitol), de 1967, e *Abbey Road* (Apple Records), de 1969, dos Beatles, e *The Dark Side of the moon* (EMI Records), de 1973, do Pink Floyd. De acordo com Arthur Dapieve, colunista do jornal O Globo e professor do Departamento de Comunicação Social, as capas criavam uma identidade visual para os vinis e ajudavam a organizá-los nas prateleiras das lojas.

– Além de peças artísticas, as capas também viraram um ar-

tigo de marketing. E as de CDs não têm o mesmo efeito, pois as de vinil têm 12 polegadas. As melhores capas de CDs entendem que eles são menores, então é preciso obter um bom efeito com menos meios – explica.

Com a chegada do *compact disc* (CD), em 1979, e das músicas em MP3, em 1997, as vendas de vinis declinaram. Em nota divulgada pela Polysom, o consultor João Augusto afirma que o CD fez sucesso por oferecer vantagens em relação aos LPs, como a portabilidade.

– O *compact disc* tem a facilidade de se ouvir a faixa que se quer em um simples toque de tecla. Tudo o que o vinil não tinha – observa.

Ao contrário do que se imaginava, os vinis voltaram às prateleiras mesmo inseridos em uma era digital. Em 2013, a Polysom fabricou mais de 130 mil LPs – mais de 23 mil unidades produzidas em relação a 2012. Entre os cerca de 50 títulos nacionais fabricados pela Polysom, estão *Nunca tem fim*,

de O Rappa, e *Acabou Chorare*, dos Novos Baianos. A fábrica recebe apoio de gravadoras, como a Warner, a Som Livre, a Deck e a Universal. Além do áudio, Paulo Cesar afirma que o vinil criou o conceito de álbum. O professor explica que o LP permitiu uma união entre as faixas, o que valorizava o artista e a música.

– O processo de gravação já estava se modernizando desde os anos 1940, mas o LP permitiu criar uma obra completa. O século XX é o século do álbum, do disco, e o vinil contribuiu para isso – analisa.

Colecionador de cerca de 300 vinis, o tecnólogo de processamento de dados Demétrius Medrado frequenta a D'Vinil desde a fundação da banca na Tijuca: 13 de julho do ano passado. Assim como uma obra de arte, Demétrius ressalta que o vinil está ligado ao valor sentimental de cada pessoa.

– Quanto mais raro for o álbum, maior é o valor dele – argumenta.

Arte: O professor de fotojornalismo Paulo Rubens Fonseca organiza, em mostra, imagens registradas a partir de reflexos

Modernidade em preto e branco

Exposição e livro retratam em fotografias a perda da identidade do ser humano



Acima, a imagem foi capturada de um homem com o reflexo da torre, no cais de Barcelona



À esquerda, vagão do metrô de Paris, fotografado por Paulo, na Estação Stalingrad

À direita, uma vitrine, na cidade de Veneza, que reflete a fachada de uma igreja



LETICIA GASPARINI E DIEGO ROMAN

O fotógrafo Paulo Rubens Fonseca começou a trabalhar com imagens refletidas nas mais diversas superfícies quando estava no jornal *Correio da Manhã*, em 1974. A primeira, no vidro de um carro, fazia uma referência ao momento político da época, a ditadura militar. Foi o ponto de partida para o projeto de fotografia que ele desenvolveu em 39 anos de trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social, Paulo Rubens reuniu as imagens no livro *Reflexos*, lançado em março. O resultado deste trabalho também compõe uma exposição,

com o mesmo título do livro, no Centro Cultural da Justiça Federal, no Centro.

São pessoas reproduzidas em para-brisas, painéis, vitrines, elevadores, janelas, entre outras plataformas. Todos os momentos foram, como define o fotógrafo, “roubados”, ninguém posou para a foto.

– É uma crônica da urbanidade, uma documentação da modernidade, sobre a perda da identidade da figura humana no caos das metrópoles.

As fotos foram capturadas em 11 cidades do mundo, entre elas Nova York, Rio de Janeiro, Roma e Paris. Terceira exposição da carreira de Paulo Rubens, *Reflexos* tem o

objetivo de emocionar de diferentes formas.

– A fotografia é outra forma de produzir imagens que se diferem da pintura e do cinema. Ela consegue parar o tempo. A vida é algo muito veloz, fugaz. A fotografia eterniza, é algo que se destaca no nosso dia a dia. Os nossos olhos não param. Isso já é um diferencial do que é real e o que é estampado numa foto.

O livro reúne 160 fotos, a maioria produzida de forma analógica e em preto e branco. Poucas são coloridas, digitais, feitas em 2010, em Nova York. Nesse conjunto está um autorretrato. A exposição, com 41 fotos, está aberta ao público até 20 de abril.